

ZÉLIA MARIA MENDES BIASOLI ALVES*

STELLA MARIA POLETTI SIMIONATO-TOZO**

RESUMO

Este estudo teve por objetivos descrever e analisar as brincadeiras, atividades e brinquedos de crianças, na década de 80, bem como as práticas de educação utilizadas pelas mães frente a esses aspectos da rotina diária com seus filhos. Os dados foram obtidos através da análise das respostas de 55 mães a 40 questões e itens do Roteiro Reestruturado de BIASOLI-ALVES e GRAMINHA (1979) relativos a atividades e brinquedos. Os resultados indicam que: 1) existe um alto nível de estimulação, seja em situações, centralizados na utilização de objetos ou vinculados a interação adulto / criança; 2) as mães valorizam a liberdade oferecida à crian

* Profa. Assistente Doutora junto ao Departamento de Psicologia e Educação da FFCLRP/USP.

** Aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial junto ao CECH da UFSCar

ça no seu dia-a-dia, embora elas determinem em grande parte como se dá a rotina da criança; 3) há um número grande e diversificado de atividades onde adultos e crianças participam, incluindo festas, visitas e o lazer; 4) para os pais, brincar e brincar bem, com alegria e espontaneidade é sinônimo de que a criança está saudável e se desenvolvendo bem. Discute-se a visão que os pais têm sobre qual o sentido do brincar; o tipo de liberdade que a prática de educação vem oferecendo e a busca por eles do saber dos especialistas e do que diz a literatura de divulgação.

INTRODUÇÃO

A área lúdica, com o passar dos anos vem sendo valorizada e enfatizada como uma das responsáveis pelo bom desenvolvimento intelectual, social e emocional das crianças, sendo definida pelos pesquisadores por atividades espontâneas, que trazem prazer e se constituem ao mesmo tempo em um meio de expressão, de interação com os outros, e de interiorização dos valores éticos da sociedade. Segundo BOMTEMPO (1982) "brincando a criança se inicia na representação de papéis do mundo adulto que virá a desempenhar mais tarde; desenvolve capacidades físicas, verbais e intelectuais e a aptidão de comunicar-se". (p.25)

A intensa divulgação dessas idéias levou to-

do um ramo da indústria a se dedicar à produção de brinquedos (que aumenta assustadoramente nas sociedades ocidentais a partir do pós guerra, segundo NEWSON & NEWSON, 1974) e isto coincide com uma atitude dos pais de oferecerem cada vez mais este tipo de objeto para que os filhos se entretendam, agora de forma planejada transformando o brincar em "algo sério" que tem finalidade e objetivos educacionais delimitados. Surge a necessidade de optar pelo brinquedo que treine habilidades, revelando um cuidado grande dos adultos com o desenvolvimento da criança. Entretanto, outros fatores da vida moderna produzem certas contradições, pois a mesma criança que possui tantos objetos lúdicos é a que carece de espaço para brincar (LIMA, 1989) e que permanece várias horas do dia frente a "telinha" e suas mensagens (BASTOS; 1988).

DIAS-DA-SILVA (1986), em um estudo sobre a educação dos filhos pequenos nos últimos 50 anos, salienta as várias mudanças que aconteceram nas atividades costumeiras das crianças, que nas décadas de 30-40 elas, mesmo que "sob os olhos da mãe", participavam de brincadeiras coletivas nas ruas e quintais, de cerimônias religiosas e tinham um contato direto com a natureza, nas últimas décadas são pouco supervisionadas pelo adulto e se atêm principalmente à televisão e ao brinquedo solitário dentro de cada.

FRIEDMANN (1990) comenta que a "televisão e a tecnologia dos brinquedos modernos mudaram, sem dú-

vida, a brincadeira infantil..." e "A falta de espaço e de segurança nas ruas também modificaram algumas brincadeiras" (p.55).

Dados, afirmações e discussões dessa natureza suscitaram a idéia da presente pesquisa que objetivou descrever e analisar as brincadeiras, atividades e brinquedos de crianças (de ambos os sexos), na década de 80, bem como as práticas de educação utilizadas pelas mães frente a esses aspectos da rotina diária com seus filhos.

MÉTODO

AMOSTRA. A amostra foi composta por 55 mães (29 mães de meninos e 26 de meninas), a maioria (83,6%) com pelo menos o 2º grau completo e idades variando entre 25 e 49 anos, sendo que 49,1% trabalhavam fora de casa. A idade das crianças variou entre 4 e 7 anos. O contato com as mães foi realizado através da escola de seus filhos.

MATERIAL. Foram utilizadas as gravações de entrevistas realizadas com as mães a partir do Roteiro Reestruturado de BIASOLI-ALVES e GRAMINHA (1979), selecionando-se para análise 40 questões e itens relativos a atividades e brinquedo (CALDANA, BIASOLI-ALVES e SIMIONATO, 1992).

PROCEDIMENTO E ANÁLISE. Os dados foram quantitativamente analisados segundo a proposta de BIASOLI-ALVES e DIAS-DA-SILVA (1992).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As questões selecionadas para análise versaram sobre diferentes aspectos e momentos do brincar e foram agrupadas segundo seu conteúdo em cinco grandes áreas.

1. Estimulação: atividades, brinquedos, comportamento verbal e interação. Para compor este item foram analisadas questões que investigam a estimulação situacional, a centralizada na utilização de objetos (brinquedos) que possibilitam manipulação pela criança; a vinculada à interação, em especial quando o adulto pretende ensinar algum comportamento verbal ou brincadeiras e por atividades desenvolvidas.

A análise dos dados veio mostrar que as mães proporcionam um alto nível de estimulação situacional através de passeios diários e brincadeiras em parques e piscinas, ao mesmo tempo em que, pelo seu relato, elas procuram evitar que a criança assista televisão.

Quando se focaliza a estimulação que depende de objetos, observa-se nas respostas da maioria das mães uma lista grande e variada* de brinquedos de que seus filhos dispõem. Porém elas dizem que a escolha do tipo de brinquedo a ser oferecido à

* As mães assinalaram todos os itens de uma lista contendo 33 tipos de brinquedo.

criança é cuidadosa "... um brinquedo apropriado para a idade dele, né? Que não machucasse, que fosse desenvolver a criança, coordenação motora, atenção", visando seu entretenimento mas, juntamente com o lúdico, vem a intenção de desenvolver habilidades de cunho intelectual ou motor "sempre dei brinquedo pedagógico, sempre dei muito quebra-cabeça".

Quanto à estimulação vinculada à interação adulto/criança, ela está presente na sua forma mais verbal na fase de nenê até uns 2 anos; à medida que a criança tem mais idade, os pais ensinam jogos (mico, dominó, jogo de botão, xadrez, palito, rouba-monte, etc), brincadeiras (pega-pega, esconde-esconde, pular corda, futebol etc). Os dados evidenciam também que o pai tende a se dedicar mais aos meninos que às meninas, e as mães o fazem igualmente. Quanto à participação da criança nas tarefas de rotina de casa, predomina a livre-escolha, sem imposições e determinação de ajuda: "eu incentivo e quando ela tem vontade ela faz".

2. Brinquedos, brincadeiras e atividades: educação X liberdade X restrições. Esse item compreendeu a investigação da liberdade permitida à criança em várias situações de rotina diária, o permitir escolha na compra de brinquedos; as normas sobre o brincar; o estabelecimento de regras sobre a posse de material e seu cuidado.

Os dados evidenciaram que a maioria das mães deu liberdade de movimento ao bebê, evitando o uso do cercadinho, deixando-o brincar no chão, usar água, areia, terra, enfatizando a importância de a criança se sentir "solta": "ele não foi criado no chiqueirinho, foi no chão livre..." (esta idéia de liberdade é um pouco mais enfatizada quando se trata de meninos).

Outro ponto interessante no discurso dessas mães é a contraposição entre sua ingerência no brincar, oferecendo e incentivando o que consideram adequado e limitando o inadequado como objeto lúdico, e, ao mesmo tempo, a permissão para que a criança escolha seus brinquedos: "quando ele escolhe um brinquedo acessível eu concordo, agora quando está fora, eu convenço que não".

Paralelamente, a determinação de atividades e horários mostra que ora as decisões são tomadas levando em consideração a vontade e disposição da criança, ora fatores outros interferem e surge a imposição como no uso da T.V. (o período noturno e "certos programas" são censurados pois "eles exploram sexo, violência, então não é bom para a criança").

Outros aspectos evidenciam as mesmas oscilações. Assim é que no espaço doméstico a criança tem liberdade desde que não bagunce ou cause estragos: "a casa tem que ser usada com cuidado, sabendo conservar as coisas que tem". Também há regras que exigem guardar brinquedos ou mesmo dar brinquedos

mais velhos, embora estas práticas não sejam "uma coisa obrigatória, eu não fico brigando por causa disto".

As proibições impostas estão vinculadas à agressividade, e às brincadeiras de cunho sexual que provocam vários tipos de reação nas mães, mostrando sua preocupação: "disfarço, sem dar mostra que estou vigiando, isto é uma preocupação constante minha, ver o que tá fazendo" e dificuldade no lidar com estas situações: "eu falo que não quero, dou um motivo ou outro, mas não dou muita explicação".

3. Atividades Conjuntas. Estas questões investigam como se processa o dia-a-dia da família, a distribuição de atividades e o contato que elas geram entre adultos e crianças, incluindo a participação em festas, visitas, a visão sobre o lazer.

As respostas descrevem uma realidade de contato intenso entre adultos e crianças. Há um número grande e diversificado de atividades de que todos participam, o que indica tanto a presença da criança no que seria mais característico do mundo adulto (compras, supermercado, rotina da casa) quanto ao estarem juntos em situações sociais (festas, visitas).

O lazer compõe um grupo à parte de atividades que inclui ir à praças, clubes, cinema, passear de carro ou à pé etc. Estes parecem ser mo-

mentos compartilhados que trazem prazer e mantêm a família unida: "eles gostam de ir, a gente de levar"; "para sempre ficarem todos juntos". E também funcionam como meio de "compensar" o tempo passado longe dos filhos: "porque a gente quase nunca está junto, então o dia que a gente tem um tempinho, já arma programa".

Quando existe a oportunidade de as crianças saírem sem os pais, existe a permissão, desde que: o adulto seja conhecido, haja adequação do tipo e horário de programa a ser realizado, ou "se tiver todas as condições de segurança". Porém, sair só com crianças geralmente é proibido pois "uma não pode olhar a outra".

4. Expectativas. A análise das expectativas buscou identificar as idéias das mães quanto ao que gostariam que acontecesse no processo de educação dos filhos, incluindo seu desenvolvimento e comportamento.

Alguns pontos definem o ideário destas mães. Primeiro, a criança se prepara "para a vida futura", expressa suas necessidades e se desenvolve através do brinquedo, de brincadeiras e das atividades; portanto esta é uma área importante da educação: "o brincar é um negócio importante, fazendo imitação da vida do adulto, se preparando para a vida futura". Decorrente do primeiro ponto, o relato dessas mães atribui à família a tarefa de prover condições materiais e espaço físico para

que a criança brinque e bem: "você dando ambiente, casa, brinquedo, amiguinha, não tem mais o que falar, você está dando tudo". Neste sentido, é aparente nos dados certa vigilância (observação crítica) por parte das mães, buscando identificar a forma como a criança brinca e sua adequação a critérios indicativos de que a socialização (educação) está ocorrendo de modo satisfatório e de que o filho vem se desenvolvendo de acordo com o esperado para sua idade: "brinca com coisas bem próximas da idade dela".

Fecha-se assim um círculo que começa na expectativa de desenvolvimento e comportamento da criança, passa pela observação do seu desempenho nas mais diversas atividades e retorna ao início com a aplicação de critérios e um diagnóstico, que tende a ir no sentido de satisfação.

5. Problemas. Esse tópico se prende à análise de questões que investigam a existência de comportamentos potencialmente perturbadores e problemáticos na criança. Coloca-se a mãe frente a alternativas que descrevem certo número de comportamentos perturbadores e posteriormente solicita-se que ela interprete as causas destes.

A análise dos dados evidenciou que: brincar com coisas perigosas, bagunçar toda a casa, não ser capaz de brincar só, ficar ao redor da saia da mãe e insistir para que ela participe são os mais "perturbadores" (principalmente os dois últimos),

porque: "às vezes caem em características da própria criança ou os comportamentos apresentados são considerados "normais", sem que elas os ultravalorem como inadequados, e também sem que façam um questionamento maior das suas causas.

Os dados desse estudo sugerem a discussão de certas contradições. Primeiro, se por um lado existe um alto nível de estimulação das crianças pelo ambiente, de forma variada e em todas as fases do desenvolvimento investigadas, por outro ela vem fortemente ligada à preocupação de propiciar ao filho condições para o desenvolvimento de habilidades, e mesmo as interações entre pais e filhos ficam dependentes de gerar aprendizagem. Portanto a convivência e a proximidade para brincar simplesmente de forma prazerosa ficam em segundo plano e observa-se um desvio do sentido primeiro da brincadeira como atividade espontânea e que traz prazer, para "algo sério" que tem finalidade e objetivos delimitados pelo adulto (KISHIMOTO, 1990; MAURIRAS-BOUSQUET; 1991; SCHEINES, 1991). Segundo, se constata a valorização da liberdade oferecida à criança no seu dia-a-dia, também se verifica que as mães possuem participação ativa, determinando a rotina, restringindo brincadeiras (principalmente em função de valores morais relacionados a sexualidade e agressividade), e enfatizando que apesar de haver liberdade, a criança deve seguir o andamento da casa e se adaptar a ele. Questiona-se se tal prática educativa não estaria oferecend-

do muito menos liberdade do que "pensa" e controlando muito mais amplamente o "mundo da criança" do que "pretende". Terceiro, ao mesmo tempo em que os pais fazem uso de um critério "natural" para dizer que a criança está saudável e se desenvolvendo bem — brincar muito, com alegria e espontaneidade — eles buscam, o tempo todo, saber o que pensam os especialistas e o que diz a literatura de divulgação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, L. **A criança diante da TV: um desafio para os pais.** Petrópolis: Vozes, 1988. 117p.

BIASOLI-ALVES, Z.M.M., DIAS-DA-SILVA, M.H.G.F. Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. **Paidéia**, Ribeirão Preto, nº 2, p. 61-69, fev./jul. 1992.

BIASOLI-ALVES, Z.M.M., GRAMINHA, S.S.V. Roteiro reestruturado de entrevista, 1979 (**Relatório de Pesquisa CNPq**).

BOMTEMPO, E. Brinquedo: necessidades e limitações. In: OLIVEIRA, P.S. **Brinquedos artesanais & Expressividade cultural.** São Paulo: SESC-CELAZER, 1982, p. 23-27.

CALDANA, R.H.L., BIASOLI-ALVES, Z.M.M., SIMIONATO, S.M.P. Atividades da criança: educação X liberdade X restrições. **Paidéia**, Ribeirão Preto, nº 2, p. 1-9, fev./jul. 1992.

DIAS-DA-SILVA, M.H.G.F. **A educação dos filhos pequenos nos últimos 50 anos: a busca do "melhor"?** São Paulo: USP Instituto de Psicologia, 1986. 253p. (Dissertação de Mestrado).

FRIEDMANN, A. Jogos Tradicionais. **Idéias**. São Paulo: FDE, nº 7, p.54-61, 1990.

KISHIMOTO, T.M. O brinquedo na educação—considerações históricas. **Idéias**, São Paulo: FDE, nº 7, p. 39-45, 1990.

LIMA, M.S. **A cidade e a criança.** São Paulo: Nobel, 1989, 102p.

MAURIRAS-BOUSQUET, M. Um oásis de felicidade. **Correio da UNESCO**, Rio de Janeiro, nº 7, p. 5-9, jul. 1991.

NEWSON, J., NEWSON, E. **Four year old in an urban-community.** London: Pinguin Books, 1974.

SCHEINES, G. As regras do jogo. **Correio da UNESCO**, Rio de Janeiro, nº 7, p. 11-15, jul. 1991.